

PERCEPÇÕES DECORRENTES DA ELABORAÇÃO DO PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL DE ACADÊMICOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS¹

Debora Abitante Rodrigues²

Romina Batista de Lucena de Souza³

RESUMO

A realização do Planejamento Financeiro Pessoal é fundamental para garantia de uma vida financeira saudável, possibilitando diagnosticar a situação orçamentária atual para alcançar estabilidade e estabelecer planos. Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo identificar as percepções de acadêmicos de Ciências Contábeis após a elaboração de seu Planejamento Financeiro Pessoal. A amostra contou com 121 estudantes que foram submetidos a uma atividade que propunha o controle financeiro pessoal no decorrer de três meses. O método utilizado foi o de levantamento, que ocorreu a partir da aplicação de questionários aos acadêmicos disponibilizados na Plataforma *Moodle*. Os resultados demonstraram que os estudantes conseguiram estruturar e organizar suas finanças e notaram melhora da sua situação financeira com o planejamento. Os acadêmicos evidenciaram a necessidade de incorporar o conhecimento básico de disciplinas financeiras à vida das pessoas e a percepção de envolver terceiros ao seu controle, com intuito de difundir esse conhecimento. Além disso, 93,39% dos participantes consideraram a atividade positiva e 88,43% pretendem dar continuidade ao seu controle orçamentário. Por fim, concluiu-se que o Planejamento Financeiro Pessoal traz benefícios àqueles que o fazem, pois a inserção de uma cultura orçamentária resulta em um bom relacionamento com o dinheiro e ajuda na concretização de projetos.

Palavras-chave: Planejamento Financeiro Pessoal. Educação Financeira. Orçamento familiar. Controle.

1 INTRODUÇÃO

Em um contexto de globalização e dinamismo econômico, o planejamento é apontado como uma importante ferramenta para estar preparado aos diversos cenários que podem se concretizar nas mais diversas áreas. O planejamento começa com a elaboração de planos e tais planos orientam a formulação de estratégias para que objetivos sejam concretizados e, no

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, no segundo semestre de 2016, ao Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

² Graduanda do curso de Ciências Contábeis da UFRGS. (deboraabit@gmail.com)

³ Orientadora: Mestra em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da UFRGS. (rominabls@gmail.com)

Planejamento Financeiro Pessoal, não é diferente (GITMAN, 2001). O Planejamento Financeiro não é resumido à definição de quanto e onde gastar. Ele envolve escolhas de créditos, opções de investimento, ponderação de gastos e controle do fluxo de caixa pessoal, para que se conquiste o padrão de vida desejado (EID JUNIOR; GARCIA, 2001). Porém, muito mais importante do que alcançar determinado status financeiro, é mantê-lo contínuo e estável, e é na preservação e gestão dos recursos financeiros que os maiores benefícios do planejamento são notados (CERBASI, 2004). Para que o planejamento seja prática comum, é necessária uma estrutura educacional que seja capaz de fomentar a consciência financeira na população em geral.

Entretanto, a Educação Financeira ainda é pouco explorada em toda estrutura educacional do Brasil (BANCO CENTRAL DO BRASIL-BACEN, 2015). Como o ensino de Educação Financeira não é obrigatório nas escolas brasileiras, perdura a incapacidade de gestão financeira pessoal dos indivíduos. Embora grande parte da população lide com dinheiro, o brasileiro não tem o costume de debater e elaborar o orçamento doméstico em conjunto com seus familiares. Até mesmo conversar com os amigos sobre suas finanças, muitas vezes, é visto como invasão de privacidade. Pesquisas revelam que de cada quatro famílias, três sentem dificuldade para chegar ao fim do mês com seus rendimentos em dia e controlados (BACEN, 2013).

O Controle do Orçamento Familiar consiste no levantamento de todas as receitas e despesas da família, apontando todos os gastos e aquisições do período planejado. Assim, o fluxo de caixa contemplará detalhes do orçamento familiar, tornando o planejamento e seu posterior controle mais efetivo. O modelo do orçamento a ser seguido pode ser baseado e estruturado a partir de princípios e técnicas contábeis, com intuito de equilibrar as finanças e adequar a realidade da família à renda disponível (PEIXE; LEHNHARD; HARRES, 2000).

Sendo assim, com os instrumentos financeiros aprendidos no ambiente acadêmico, o estudante de Ciências Contábeis é capaz de utilizar métodos de controle patrimonial eficientes que podem ser usados no gerenciamento das finanças pessoais (PIRES, 2005). Portanto, conclui-se que o profissional Contábil, teoricamente, é indicado para auxiliar as pessoas físicas na gestão dos seus recursos pessoais. Porém, torna-se essencial que a teoria esteja alinhada com as necessidades práticas, dando ao Contador autonomia e conhecimentos suficientes para que possa agregar e fazer a diferença na vida financeira de quem precisa. Para que o profissional tenha credibilidade, nada mais coerente do que sua própria situação financeira esteja em ordem e gerando proventos.

Diante do exposto, a pesquisa explora a área de conhecimento da Contabilidade com ênfase nas finanças pessoais, assunto pouco abordado nesse curso, mas que afeta a todos. Não será proposto nenhum modelo de gestão aos estudantes, mas se busca inserir esse assunto junto aos contabilistas. Desse modo, surge a questão: *Quais são as percepções decorrentes da elaboração do Planejamento Financeiro Pessoal de acadêmicos de Ciências Contábeis?* Para respondê-la, este estudo tem por objetivo identificar as percepções decorrentes da elaboração do Planejamento Financeiro Pessoal de acadêmicos de Ciências Contábeis, matriculados no oitavo período da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para maior aprofundamento, será realizada a análise dos questionários respondidos pelos estudantes; serão produzidas informações que demonstrem como é elaborado o Planejamento Financeiro Pessoal e realizada a identificação dos resultados após a utilização do orçamento pessoal.

Em vista disso, esse estudo se justifica por auxiliar o estudante, futuro Contador, a melhorar e aprimorar mais um ramo de atuação, para que ele tenha participação ativa na área de finanças pessoais, que está em constante melhoria no Brasil, mas que ainda precisa ser aprimorada. Portanto, esse estudo justifica-se também por buscar saber se essa é uma lacuna que precisa ser preenchida ou a prática de gerenciar recursos próprios já é corriqueira.

O estudo está dividido em cinco partes: a primeira é a introdutória; a segunda apresenta a revisão da literatura que está dividida entre a definição de Planejamento Financeiro Pessoal, Educação Financeira no Brasil e Controle do Orçamento Familiar; a terceira parte apresenta o método que será utilizado na pesquisa; a quarta apresenta a análise dos dados e os resultados da pesquisa; por fim, na última seção, são apresentadas as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, será abordada a base teórica da pesquisa, que envolve o Planejamento Financeiro Pessoal, a Educação Financeira, o Controle do Orçamento Familiar e os estudos relacionados.

2.1 PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL

Conforme Gitman (2001, p.43), “O Planejamento Financeiro é um aspecto importante das operações nas empresas e famílias, pois ele mapeia os caminhos para guiar, coordenar e controlar as ações das empresas e das famílias para atingir seus objetivos.” Ele auxilia na aproximação entre realização pessoal e material, ou seja, definidos os objetivos e ajustado o padrão de consumo, um sistema financeiro organizado é um aliado na conquista dos objetivos traçados. Entretanto, o Planejamento Financeiro não deve ficar restrito ao corpo empresarial, pois, para a formação de patrimônio, ambos precisam definir estratégias dirigidas de acúmulo de bens e valores (BITENCOURT, 2004).

Cerbasi (2004) corrobora com essa afirmativa, complementando que o planejamento não precisa ser rígido, mas sim estar baseado na melhor estratégia de gerenciamento dos fundos disponíveis, da melhor forma possível a curto, médio e longo prazo:

Planejamento Financeiro Pessoal significa estabelecer e seguir uma estratégia precisa, deliberada e dirigida para a acumulação de bens e valores que irão formar o patrimônio de uma pessoa e de sua família. Essa estratégia pode estar voltada para curto, médio ou longo prazos, e não é tarefa simples atingi-la. (CERBASI, 2004, p. 31).

Diferentemente das empresas, que, geralmente, tem todo aparato técnico para organizar e definir estratégias financeiras, as pessoas físicas normalmente fazem esse processo informalmente, mas podem aprimorá-lo em programas de gestão financeira. Porém, nem todo mundo participa ou gosta de participar de projetos de educação e gestão financeira e sabe lidar com instrumentos ou técnicas para que a administração dos seus recursos esteja satisfatoriamente controlada (CERBASI, 2012).

Porém, nem todo mundo participa ou gosta de participar de projetos de educação e gestão financeira e sabe lidar com instrumentos ou técnicas para que a administração dos seus recursos esteja satisfatoriamente controlada. O Planejamento Financeiro ainda não é visto com tanta frequência por não ser uma prática da população brasileira em geral (PEREIRA, 2005; SHIUS, 2009). Muitas pessoas sentem repulsa quando o assunto é dinheiro, outras simplesmente consideram finanças um assunto chato, pouco se interessa. Conforme citado pelo autor, esses tipos de pessoas criam barreiras para que se aprenda mais sobre administração das suas próprias finanças, oriundas da falta de um modelo difusor de conhecimento financeiro que seja atraente, simples e de fácil compreensão por todos (SHIUS, 2009).

Pereira (2005), afirma que de cada dez brasileiros, oito não gostam de contas ou números. A falta de Planejamento Financeiro Pessoal é deixada como herança familiar, fazendo com que problemas financeiros surgidos na infância perpetuem ao longo da vida do indivíduo, que não tem interesse no assunto nem sequer terá. A autora apresenta que menos de 30% dos brasileiros elaboram orçamento pessoal. O endividamento das famílias brasileiras cresceu de 29% para 46% da renda disponível entre os anos de 2007 e 2014. Esse crescimento é resultado da facilidade de crédito ofertada àqueles que não têm o devido Planejamento Financeiro e resultam em problemas com o comprometimento da renda, como orçamento sobrecarregado e inadimplência (BACEN, 2015).

Esteja interessado ou não, a verdade é que o processo de planejamento é inerente ao ser humano. Para Frezatti (2009, p. 14) “Planejar é quase uma necessidade intrínseca, como é se alimentar para o ser humano. Não se alimentar significa enfraquecimento [...]”. Ora, sendo uma necessidade tão importante, por qual motivo o processo de Planejamento Financeiro ainda é tão carente no ramo das pessoas físicas? Macedo Junior (2007) relaciona essa deficiência ao dilema de aproveitar o presente sem se preocupar com o futuro ou estar preparado para certas situações futuras abrindo mão de certos prazeres momentâneos. Entretanto, planejar-se não é fazer uma escolha entre esses dois extremos, mas sim, aprender como conviver com as duas situações da forma mais otimista possível. O autor afirma que é possível ser previdente e conseguir aproveitar aquilo que se deseja no momento, já que “O segredo é poupar nos gastos que não contribuem para sua qualidade de vida e fazer um bom planejamento financeiro.”

Apesar de o Planejamento Financeiro estar associado a cortes, comprar menos e diminuir gastos, ele é necessário, já que, a organização das entradas e saídas de recursos propicia melhor relacionamento com números, uma vida mais confortável e uma relação com as finanças que resultará em satisfação pessoal (MACEDO JUNIOR, 2007; PEREIRA, 2005).

2.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A Educação Financeira é uma ferramenta importante que oferece os subsídios necessários para que o indivíduo obtenha sucesso no gerenciamento dos próprios recursos. Entretanto, apenas a oferta de amparo educacional não garante sua correta utilização na vida prática. Sebstad e Cohen (2003, p.8) afirmam que:

O propósito da Educação Financeira é ensinar às pessoas conceitos relacionados ao dinheiro e como administrá-lo com sabedoria. O objetivo é capacitar as pessoas a tornarem-se mais informadas nas suas decisões financeiras, desenvolver a consciência das questões e escolhas referentes às suas finanças pessoais, e aprender habilidades básicas relacionadas a ganhar, gastar, orçar, poupar, emprestar e investir dinheiro.

A estabilidade do ambiente econômico, o aumento da oferta de produtos e serviços financeiros e a ascensão de classes que antes eram excluídas do dinamismo do mundo comercial tiveram como consequência a inclusão de uma parcela populacional que antes não fazia parte do sistema financeiro (VASCONCELLOS; TONETO JUNIOR; GREMAUD, 2007). Segundo BACEN (2013), o conhecimento sobre Planejamento Financeiro Pessoal não acompanhou o crescimento do complexo mundo financeiro que a sociedade brasileira está inserida. Estão alinhados: falta de conhecimento e facilidade ao crédito, resultando em endividamento.

Os anos de hiperinflação vividos no Brasil nas décadas de 1980 e 1990 criaram uma cultura de consumo imediatista, encurtando o horizonte de planejamento. Com a estabilidade, invertem-se as premissas e os prazos vão alongando-se progressivamente. Essa transição de cenários não acontece naturalmente, sendo suportada com medidas como o Plano Real e, paralelamente, a transferência de responsabilidades financeiras, que antes eram restritas ao Estado, passa a ter a custódia de cada um, ou seja, a saúde econômica pessoal depende, na sua maior parte, do próprio indivíduo (VASCONCELLOS; TONETO JUNIOR; GREMAUD, 2007). Assim, a principal dificuldade da população passa a ser gerenciar e poupar recursos financeiros a longo prazo. D'Aquino (2008, p. 9) explica que:

Numa economia sufocada pela inflação, qualquer tentativa de planejamento financeiro, por mais sério e bem-intencionado que fosse, tinha resultados frágeis e um bocado desanimadores. Se não era possível saber o que esperar da economia para o dia seguinte, que dirá planejar os passos para os próximos cinco ou dez anos.

Soma-se a todos os fatos a incapacidade do Estado de gerar investimentos propulsores de crescimento e, simultaneamente, nos últimos anos, a criação de programas que aumentam a oferta ao crédito para que o consumo seja incentivado, aumentando assim, a produção (VASCONCELLOS; TONETO JUNIOR; GREMAUD, 2007).

Apesar do contexto teoricamente favorável, o aumento do crédito produz inadimplência que, por sua vez, resulta na interrupção de empréstimos, reduzindo a atividade da economia. A junção de cenários desfavoráveis com a inabilidade da população de estimular e manipular investimentos afeta diretamente a capacidade de desenvolvimento do

país, já que o conjunto de ações individuais afeta toda a economia nacional, pois ela está diretamente ligada aos níveis de inadimplência, endividamento e com a capacidade de investimento do país (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007).

Diante da velocidade e da globalização da informação e da complexidade do mercado, surge a preocupação em nível mundial de difundir conteúdo acessível sobre a Educação Financeira. Nesse sentido, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE incluiu em 2003 na sua pauta de discussão a temática da Educação Financeira. Conseqüentemente, o programa de trabalho da OCDE é aprovado e elabora um projeto intitulado “Projeto Educação Financeira”, com objetivo de ser desenvolvido nos anos seguintes. Desde então, os 34 países-membros e não membros como o Brasil passam a ser orientados através das diretrizes produzidas pela OCDE, a educar financeiramente seus cidadãos. A recomendação é que os programas de Educação Financeira devem focar em assuntos de alta prioridade conforme as circunstâncias nacionais, como alertar aos futuros aposentados sobre a adequação financeira pessoal, pré-requisitos de consciência financeira como poupança, dívida privada e até mesmo matemática financeira elementar e economia (ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - OCDE, 2005).

No Brasil, o ensino de práticas financeiras ou de Educação Financeira básica ainda não é obrigatório nas escolas. No entanto, visando implementar a Educação Financeira no ensino, o governo criou em 2010, através do Decreto nº 7.397, a Estratégia Nacional de Educação Financeira, a ENEF. Conforme seu plano diretor, despertar e fomentar a cultura de Educação Financeira no país amplia a consciência do cidadão e ajuda a administrar corretamente seus recursos, contribuindo para a eficiência e solidez do mercado e sistema financeiro (BACEN, 2013). Em 2010, a ENEF iniciou um projeto-piloto em algumas escolas e, após dois anos de projeto já foi possível concluir que a Educação Financeira foi transformadora para alunos e suas famílias (CERBASI, 2012). Portanto, mesmo lentamente, o Brasil aos poucos difunde conhecimento financeiro à população.

2.3 CONTROLE DO ORÇAMENTO FAMILIAR

O orçamento é um plano expresso traduzido em termos financeiros que tem como objetivo a melhor alocação possível do capital disponível e correto encaminhamento dos gastos, ou seja, é a movimentação controlada e dirigida dos recursos financeiros (SEBRAE,

2013; BACEN, 2013). “O capital é um recurso muito limitado, seja na forma de capital de terceiros, seja na de capital próprio.” (GROPPELLI; NIKBAKHT, 2001, p. 119). Sendo assim, o administrador financeiro familiar ou empresarial deve ser capaz de identificar e escolher a melhor estratégia ou destinação dos recursos financeiros adquiridos.

No campo familiar, o orçamento consiste na separação de receitas e despesas e na destinação das receitas às despesas previstas no período de tempo que se planejou. A organização do orçamento, portanto, é uma etapa do Planejamento Financeiro que contribuirá para que sonhos e projetos se concretizem. Ou seja, definidos os objetivos e ajustado o padrão de consumo, um sistema financeiro organizado surge como um atalho para as conquistas almeçadas (BACEN, 2013; PEIXE; LEHNHARD; HARRES, 2000;).

A realização do orçamento doméstico necessita de empenho e uma análise cuidadosa da situação financeira. Primeiramente deve-se fazer um balanço (levantamento) de todas as receitas e gastos (a média dos gastos esporádicos também deve ser relacionada). De um lado, depois de feito o diagnóstico das entradas e saídas, deve ser realizada a listagem de todas as despesas familiares mensais que não podem ser cortadas (aluguel, luz, água, etc) mais aquelas que ocorrem apenas em períodos determinados (matrícula, material escolar, IPTU, etc). De outro, somar todas as entradas de dinheiro regulares (a renda da família). A diferença entre as receitas e despesas identificadas vai mostrar se o orçamento de determinada família ou indivíduo está deficitário ou superavitário (BACEN, 2013; CVM, 2014; ROCHA, 2009; SEBRAE, 2013).

É normal que não se saiba exatamente quando se gasta diariamente, pois o orçamento não é rígido e inflexível. Por isso, é ideal que se guarde todas as notas e documentos relacionados às finanças pessoais, pois, essa organização é fundamental para atentar-se aos gastos e prazos de pagamentos de despesas, processo que garante controle e a realização para quitá-las em dia (BACEN, 2013; EID JUNIOR; GARCIA, 2001).

Após se conceber um planejamento ou orçamento, para que os recursos obtidos sejam direcionados da forma previamente planejada e definida, deve-se manter foco na direção estratégica desejada, assegurando assim que os recursos sejam corretamente direcionados e aplicados de maneira eficaz para que os objetivos traçados sejam atingidos e por fim, realizados (LUNKES, 2010).

A saúde financeira contínua dependerá da periodicidade em que o orçamento doméstico é analisado e acompanhado (COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS - CVM, 2014). Para que se mantenha o padrão de vida desejado sempre estável, a continuidade da

realização do orçamento é fundamental, pois assim o Planejamento Financeiro permanece atualizado e adaptado às novas circunstâncias e estilo de vida (BACEN, 2013; SEBRAE, 2013; CVM, 2014).

2.4 ESTUDOS RELACIONADOS

Wohleberg, Braum e Rojo (2011), elaboraram um levantamento por meio de questionário estruturado com questões fechadas visando identificar se os acadêmicos formandos dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Direito da UNIOESTE realizavam de forma sistematizada o orçamento doméstico. A pesquisa foi composta por um total de 67 formandos, sendo 27 destes estudantes do curso de Ciências Contábeis. Concluiu-se que entre os estudantes de Contabilidade, fazer o orçamento de forma integral é prática de 29,63% dos estudantes. Destaca-se que para 66,67% dos acadêmicos de Contabilidade, o curso não auxiliou ou não atingiu grau de satisfação razoável entre os alunos para obtenção de conhecimentos e de interesse sobre assuntos relacionados ao planejamento e controle de recursos financeiros individuais ou familiares.

A percepção dos discentes de Ciências Contábeis da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e da Universidade Potiguar (UNP) foi objeto de estudo de Queiroz, Valdevino e Oliveira (2015). A pesquisa apontou que 88,89% dos estudantes do Curso de Ciências Contábeis da UERN e 64,71% dos estudantes do mesmo curso na UNP concordam totalmente que a contabilidade é relevante para a Educação Financeira como um instrumento de controle e registro do patrimônio das pessoas físicas. Diante disso, a pesquisa sugere que as próprias instituições de ensino incentivem os alunos a utilizar as técnicas contábeis também para uso pessoal, para auxiliar no controle do patrimônio pessoal, já que a importância é reconhecida pelos alunos, porém, pouco aplicada.

Alves, Silva e Bressan (2011), avaliaram o nível de Educação Financeira de 613 acadêmicos do curso de ciências contábeis de uma Instituição de Ensino Superior privada no Rio de Janeiro, avaliando-o comparativamente aos resultados obtidos com discentes norte-americanos. No estudo, o desempenho dos alunos brasileiros foi inferior ao dos alunos norte-americanos, porém, o nível de ambos foi considerado inadequado, resultado que corroborou com estudos relacionados à pesquisa, que apontam que a Educação Financeira é uma lacuna de conhecimento, levando a tomada de decisões incorretas por falta de Planejamento Financeiro Pessoal. Com base nos resultados encontrados, os autores sugerem que sejam

estudadas estratégias para a implantação nas matrizes curriculares de universidades brasileiras disciplinas ligadas à Educação Financeira, principalmente nos cursos de Ciências Contábeis e afins.

Estudo de Medeiros, Campos e Malaquias (2016), objetivou verificar se disciplinas que envolvem Educação Financeira, ministradas nos cursos de Ciências Contábeis, contribuem para a gestão e Planejamento Financeiro Pessoal dos discentes. Para tal, foram coletados 254 questionários, respondidos por alunos ingressantes e formandos em Ciências Contábeis de uma Universidade Pública Mineira. Foram desenvolvidas entrevistas com quatro alunos ingressantes e dez formandos. Os resultados apontaram que 96% dos alunos consideram que o curso de Contabilidade pode contribuir para as finanças pessoais. Há também a percepção de que controlar apenas os principais gastos, sem muito rigor, reflete na saúde financeira e que a falta dele pode gerar impacto no orçamento. Nenhum graduando entrevistado mencionou conhecimentos provenientes da escola, pressupondo deficiência desse conhecimento e que não houve preparação ou cursos que tenham motivado a Educação Financeira deles.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos desta pesquisa foi utilizada uma abordagem qualitativa. De acordo com Richardson (1980, p.80) “Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais [...]”. Dessa forma, pretendeu-se compreender os efeitos da elaboração do orçamento pessoal em alunos do curso de Ciências Contábeis.

Quanto aos objetivos, se trata de uma pesquisa descritiva, pois buscou analisar e descrever as percepções dos alunos de Contabilidade após a elaboração do Planejamento Financeiro Pessoal sem interferência do pesquisador nos eventos, que, segundo Almeida (1996, p. 104):

Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utilizam-se de técnicas específicas, dentre as quais destacam-se a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e observação.

Para realizar a pesquisa, o método utilizado foi o levantamento. De acordo com Pronadov e Freitas (2013), este tipo de pesquisa permite conhecer o comportamento da amostra através de um questionário, envolvendo técnicas de interrogação direta das pessoas. Gil (2008) complementa que a pesquisa de levantamento busca obter informações e características de uma amostra, indicando ações e opiniões obtidas a partir de um instrumento de pesquisa, podendo esse ser um questionário.

A pesquisa foi desenvolvida com acadêmicos que cursaram a disciplina de Planejamento Contábil II, nos semestres 2015-1, 2015-2 e 2016-1. A disciplina consta no 8º semestre da grade curricular do curso de Ciências Contábeis oferecida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua ementa contempla os seguintes tópicos: Planejamento operacional: orçamento; Planejamento Financeiro; Planejamento por atividades; Demonstrativos financeiros projetados; e Controle orçamentário.

A população total é representada por 154 alunos matriculados nas três turmas, e a amostra contou com a participação de 121 estudantes, representando 78,6% da população. Os acadêmicos obtiveram aprendizado teórico durante o semestre sobre técnicas orçamentárias aplicadas ao ambiente empresarial e pessoal. A atividade proposta foi baseada na elaboração do próprio Planejamento Financeiro Pessoal.

Durante os três primeiros meses da disciplina, os alunos foram orientados a coletar dados referentes às suas finanças e, a partir deles, deveriam elaborar seu próprio orçamento. Devendo organizar em uma planilha (escolhida entre alguns modelos disponibilizados ou adaptada pelo aluno) suas finanças. Após o prazo de desenvolvimento da atividade, foi disponibilizado aos alunos, através da Plataforma *Moodle*, um questionário contendo seis questões abertas referentes à atividade, visando obter percepções e resultados identificados pelos participantes. As questões são apresentadas a seguir:

- 1) Você já realizava orçamento pessoal? Em caso positivo, há quanto tempo?
- 2) Qual foi a sua percepção durante a realização do orçamento pessoal?
- 3) Como você organizou a coleta dos dados para a organização do seu orçamento pessoal?
- 4) Você analisou e identificou resultados com a utilização do orçamento pessoal? Descreva.
- 5) Você pretende continuar elaborando seu controle do orçamento pessoal? Justifique.

6) O que você achou desta atividade?

As respostas foram transpostas para uma planilha Excel, na qual cada questão foi alocada em uma coluna e as respostas classificadas em: resposta positiva, resposta negativa e indiferente, para assim agrupá-las conforme semelhança de percepção. Para fins de organização do estudo, os estudantes foram numerados, tendo sua identidade preservada.

Após, foi utilizada uma ferramenta que suporta, analisa e encontra informações em dados não estruturados a partir de dados qualitativos e variados de pesquisa, o Nvivo. Este *software* agrupa dados que tenham algo em comum, sintetizando as ideias e respostas obtidas pelo pesquisador. Com o *software* Nvivo, foram agrupadas respostas que continham alguma semelhança e, a partir disso, foram geradas nuvens de palavras com os termos mais repetidos nas respostas e árvores de palavras, que interligam diversas frases a partir de uma palavra ou expressão selecionada, facilitando o entendimento dos resultados obtidos.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta seção apresenta os resultados das análises realizadas a partir das respostas dos questionários aplicados, visando identificar as percepções decorrentes da elaboração do Planejamento Financeiro Pessoal de acadêmicos de Ciências Contábeis. As análises são apresentadas em três blocos: Perfil dos respondentes quanto à prática de orçamento pessoal; Percepções com a realização do orçamento pessoal; e Percepções e expectativas após a atividade.

4.1 PRÁTICA DE ORÇAMENTO PESSOAL

Em um primeiro momento, buscou-se identificar se os estudantes já tinham a prática de elaborar orçamento pessoal. De 121 acadêmicos, 55,37% já planejavam e organizavam suas finanças; 37,19% nunca havia feito Planejamento Financeiro; e 7,44% afirmaram que já haviam realizado orçamento pessoal, mas não deram continuidade, retomando-o com a atividade.

Em relação à coleta de dados realizada pelos alunos para esquematizar e realizar o seu orçamento, diversas formas foram citadas em seus depoimentos. Para demonstrar esse

financeiros aprendidos no ambiente acadêmico são métodos de controle patrimonial eficientes que podem ser usados no gerenciamento das finanças pessoais.

4.2 PERCEPÇÕES COM A REALIZAÇÃO DO ORÇAMENTO PESSOAL

A atividade de Planejamento Financeiro Pessoal teve grande impacto na vida dos alunos que nunca haviam realizado nenhum tipo de controle. Alguns não sabiam a gravidade da situação da sua vida financeira, conforme mencionado pelo aluno 64:

“Realizar um orçamento pessoal é de extrema importância, pois podemos programar a vida financeira com mais tranquilidade. Percebi que estou com mais problemas do que imaginava” (ALUNO 64).

Como este estudante, anteriormente, não tinha um orçamento, relatou que, no início, achou mais complicado do que imaginava que seria. Porém, após organizar faturas e contas, verificou prazos e datas de vencimento e conseguiu constatar que estava pagando juros desnecessariamente, apenas por falta de organização. Ao separar e organizar as contas, conseguiu economizar e rapidamente viu resultados, mostrando que a falta de dinheiro poderia ser oriunda de uma vida financeira desorganizada, não por déficit orçamentário. Pereira (2005) e Macedo Junior (2007) confirmam esta evidência em suas pesquisas ao afirmarem que apesar de o Planejamento Financeiro estar associado a cortes, basta ter organização para que o relacionamento com os números do orçamento pessoal resulte em uma vida mais confortável.

Com as respostas da aluna 4, pode-se perceber que, além de não realizar o Planejamento Financeiro Pessoal, ela também não imaginava a dimensão das suas despesas e somente com a realização da atividade começou a exercer o controle:

“Num primeiro momento, fiquei pasma; não imaginava que tinha tantos gastos. Depois comecei a cortar aqueles que eram desnecessários e estabeleci metas e parâmetros de despesas” (ALUNO 4).

Observa-se a importância do Planejamento Financeiro Pessoal para a aluno 4 que, além de identificar gastos desnecessários, definiu metas e tetos de despesas. Mesmo com o término da atividade, ela pretende continuar controlando seu orçamento e pretende implantar, gradualmente, um sistema de orçamento familiar, levando a terceiros o que aprendeu. O depoimento do aluno 4 demonstrou que o curso de Contabilidade pode despertar o interesse por finanças pessoais e, desse modo, divergir do resultado encontrado por Wohleberg, Braum e Rojo (2011), onde, para 66,67% dos acadêmicos do curso de Contabilidade, a

graduação não auxiliou ou não atingiu grau de satisfação razoável entre os alunos para que obtivessem conhecimento adequado relacionado à área de planejamento e controle financeiro, tampouco foi responsável por despertar interesse em gerenciar recursos próprios ou de familiares.

O primeiro contato com orçamento pessoal para o aluno 104 foi através da tarefa proposta. Sua responsabilidade econômica e financeira aumentou em cima de gastos que antes pareciam não ter importância, começando assim a pensar duas vezes antes de ter gastos que passou a considerar como supérfluos:

“Achei muito importante, pois é algo que podemos levar tanto profissionalmente, em uma consultoria, quanto pessoalmente para organizarmos de uma melhor forma tanto o orçamento pessoal quanto o orçamento familiar” (ALUNO 104).

Pequenos gastos diários passam despercebidos para quem não tem controle, como relatado anteriormente, pois parecem não impactar no fluxo de caixa mensal. Todavia, quando somados, podem representar um montante expressivo que vai impactar em todo planejamento, como relatado pelo aluno 1:

“Durante a realização do orçamento pessoal percebi que normalmente esquecemos de muitos gastos ‘pequenos’ durante o mês, mas que representam uma quantia elevada de dinheiro” (ALUNO 1).

Após incorporar à sua rotina o planejamento, ele conseguiu visualizar o quanto de fato não pode deixar de gastar, para assim conseguir separar determinado valor para destinar à sua poupança. Essas percepções descritas referentes aos gastos diários e aproveitamento da atividade corroboram com o que foi concluído na pesquisa Medeiros, Campos e Malaquias (2016), onde os alunos apontam que o controle não deve ser feito apenas para os principais gastos, mas que o mesmo rigor dado a eles deve também ser aplicado a todos os outros, pois seu montante reflete na saúde financeira. As técnicas contábeis podem ser ferramentas úteis para garantir um controle efetivo e evitar a flexibilização de despesas.

Porém, contrapontos foram encontrados. Mesmo tendo constatado que gastos diários impactam significativamente no orçamento e concluído que a atividade abriu horizontes para mudar isso, o aluno 75 não pretende continuar fazendo, pois não mudaria seus hábitos para poupar por algum motivo, conforme resposta:

“Não. Foi muito difícil separar a despesa como casal. Acho que teria sido mais útil para mim se tivesse feito com as despesas do casal. Determinados momentos não soube como registrar certas despesas” (ALUNO 75).

Ele complementa que reservou um tempo diário para repassar o que havia sido gasto e que, apesar de achar a atividade interessante, prefere aplicar na vida dos outros. Macedo Junior (2007) aponta o dilema do indivíduo em conseguir conciliar a administração e contenção de despesas para garantia futura com desfrutar do presente sem se preocupar com o amanhã.

Todavia, para alguns alunos que já faziam algum tipo de controle do orçamento, mas sem rigor e sem estabelecer metas, a atividade trouxe muitos benefícios e aprimorou seus métodos. Com a realização da atividade proposta, os acadêmicos passaram a ter uma visão sistêmica da sua vida financeira e enfatizaram a necessidade de organizar as receitas e despesas através do orçamento pessoal, segundo o relato:

“Eu realizava o orçamento há, pelo menos, dois anos, mas de forma incompleta. No meu orçamento eu descrevia as principais despesas, porém não registrava todos os gastos diários. Desta forma, acabava gastando mais do que meu orçamento permitia” (ALUNO 89).

Como o controle não era completo ou muito controlado, algumas despesas eram pagas sem ao menos ter contrapartida, como o pagamento de juros bancários desnecessários por utilização do cheque especial. O aluno 89, por exemplo, havia projetado um orçamento até o final de 2016 e seus resultados não foram bons, justamente por não contabilizar juros e descontos da sua conta como despesas, o que diminuía suas entradas e, conseqüentemente, sua capacidade contributiva na renda do casal. Logo, seu fluxo de caixa não estava adequado a sua realidade financeira, levando-o a usar o cartão de crédito para suprir suas despesas.

A atividade permitiu enxergar que havia a necessidade de renegociação de empréstimos, para liquidar sua dívida com cartões e parar de utilizar o cheque especial. Atualmente, ele compra apenas a vista e consegue planejar compras futuras com o pagamento mínimo de juros. No estudo Wohleberg, Braum e Rojo (2011), apenas 29,63% dos estudantes realiza o orçamento de forma completa, relacionando todas as receitas e despesas.

Para quem já fazia o planejamento e o considerava completo, a atividade proporcionou uma nova interpretação e até revisão do método que já vinha sendo feito. O aluno 41, por exemplo, criou o hábito de fazer seu orçamento pessoal logo que começou a trabalhar e o mantém a aproximadamente nove anos. Porém, com a atividade, percebeu que seu controle estava defasado, conforme seu próprio relato:

“Depois de visitar os sites indicados nesta atividade e abrir as planilhas de modelo, verifiquei que a minha planilha estava muito ‘pobrezinha’ de informações. A planilha que utilizava estava atendendo a minha necessidade de controlar meu salário com as minhas despesas, mas só! Não conseguia através dela verificar de maneira resumida onde o dinheiro estava sendo utilizado e também não estava fazendo um resumo anual disso. Achei as ideias dos modelos muito legais para um maior planejamento da aplicação do dinheiro e onde posso reduzir meus gastos” (ALUNO 41).

Após atualizar suas planilhas, reorganizou seus gastos fixos e suas projeções dos variáveis. No questionário, afirmou que não consegue imaginar sua vida financeira sem sua planilha de apoio e que se não fosse a atividade, talvez não tivesse percebido o quanto seu controle precisava ser melhorado e devidamente aperfeiçoado. O aprimoramento da técnica de planejamento mostrou-se efetivo, já que em muitos dos relatos de quem já aplicava no seu dia a dia houve percepção de melhoria e otimização dos recursos financeiros, demonstrando que a atualização e revisão dos métodos podem trazer benefícios ao usuário.

Adequar as técnicas de controle orçamentário a eventuais mudanças na vida financeira ou a novos hábitos é essencial para que o fluxo de caixa reflita exatamente o contexto econômico em que o indivíduo está inserido. Por isso, a periodicidade de revisão do orçamento é fundamental para que a saúde financeira não seja comprometida, como apontado no estudo feito pela CVM (2014) e comentado pelos alunos participantes.

Outro ponto interessante também foi identificado. Alunos expuseram que há alguns anos haviam iniciado o Planejamento Financeiro Pessoal, mas não deram continuidade por acharem complicado ou sem necessidade. Entretanto, a atividade mostrou que basta ter incentivo e as ferramentas adequadas para que o controle seja contínuo:

“Pretendo retomar este controle do orçamento e neste momento aumentar o nível de detalhes dos meus gastos, junto com os gastos da minha noiva, pois como moramos juntos, este controle se torna necessário para que possamos planejar novos investimentos e aquisições para nossa casa e também programar viagens sem ter que passar por apertos” (ALUNO 32).

Esses comentários confirmam os estudos feitos pelo BACEN (2013), SEBRAE (2013) e CVM (2014), que afirmam que a garantia de estabilidade financeira dá-se através da continuidade da realização do orçamento pessoal, pois ele garante que o padrão de vida alcançado seja mantido e melhorado, conforme adaptação a novos cenários e estilo de vida.

A importância do contador saber controlar fluxos de caixa de pessoas físicas foi abordada. O Contador pode e deve compreender como é feito tanto o planejamento de pessoas jurídicas quanto de pessoas físicas e a atividade abriu horizontes quanto a aplicabilidade da

matéria Contábil, permitindo relacionar o que é difundido no ramo empresarial a vida financeira das pessoas físicas, como relatado pelos alunos 15,64 e 73:

“Achei interessante, porque muitas vezes trabalhamos nesse ramo do orçamento das empresas, querendo cobrar e entender o porque das contas e nem mesmo olhamos para nossa vida pessoal. Acredito que criar o hábito das empresas e das pessoas é essencial, para evitar gastos desnecessários [...]” (ALUNO 15).

“Apesar de parecer uma atividade simples, para nós futuros contadores, é extremamente importante. Eu, por exemplo, realizo orçamento na empresa onde trabalho, mas nunca tinha aplicado na vida pessoal. Atividade extremamente construtiva” (ALUNO 64).

“Achei super interessante ter uma abordagem sobre orçamento pessoal, visto que somos uma “organização”, lidamos com os mesmos tipos de transações. Da mesma forma que essa abordagem reflete de maneira singela o que acontece nas organizações. Foi proveitoso desenvolver esse paralelo e ver que as pessoas podem falir” (ALUNA 73).

Esses relatos confirmam o estudo de Queiroz, Valdevino e Oliveira (2015), onde 88,89% dos estudantes do curso de ciências contábeis da UERN e 64,71% dos estudantes do curso de ciências contábeis da UNP acreditam que o uso das demonstrações contábeis contribui, em nível alto, para a gestão de finanças das pessoas físicas. Nesse mesmo estudo, os autores sugerem que as próprias instituições de ensino incentivem os acadêmicos a utilizarem as práticas contábeis também na gestão do patrimônio pessoal.

Alves, Silva e Bressan (2011), propõem a implantação de disciplinas na grade curricular dos cursos de Ciências Contábeis e afins, pois o nível de Educação Financeira dos acadêmicos, em seu estudo, foi considerado inadequado. Conseqüentemente, a ausência de consciência financeira dos estudantes resulta na falta de planejamento orçamentário, como relatado pelo aluno 62:

“[...] acho contraditório o contador muitas vezes planejar o orçamento da empresa, mas não planejar seu próprio orçamento” (ALUNO 62).

Mesmo proveitosa para alunos de Ciências Contábeis, os alunos 77, 106 E 120 enfatizam que a Educação Financeira deveria ser ministrada desde cedo, fazer parte do currículo escolar, para que os jovens já cresçam sabendo dominar suas finanças, para evitar possíveis problemas financeiros e otimizar desde cedo o ganho de capital que venham a ter:

“Achei a atividade muito produtiva, pelo menos para mim, pois eu realmente fiquei empolgada e me engajei para fazer da melhor maneira possível, afinal, é algo que me ajuda diretamente. Sempre acreditei que Educação Financeira deveria vir desde o colégio, porque é algo extremamente importante e usual para todo mundo, sem exceções, independente da área a ser seguida” (ALUNO 77).

“Achei muito produtiva esta tarefa, pois me fez lembrar e reforçar a ideia de que sempre acreditei que conhecimento de Planejamento Financeiro deveria ser ministrado para as crianças desde o ensino fundamental, pois a ausência desse planejamento familiar (que poderia ser muito mais difundido no Brasil), leva a um excessivo endividamento, especialmente com relação às pessoas mais humildes e com menos posses” (ALUNO 106).

“Acredito que essa atividade é de extrema relevância e deveria inclusive fazer parte do currículo escolar, desde o ensino fundamental ou médio” (ALUNO 120).

No estudo de Medeiros, Campos e Malaquias (2016), nenhum dos alunos entrevistados cita se obtiveram algum conhecimento vindo da escola, logo, presume-se, que esses alunos também não tiveram contato com matéria financeira no ensino básico ou fundamental. O ensino de Educação Financeira básica ainda não é obrigatório no Brasil e, segundo o estudo do BACEN (2015), a falta de uma disciplina que oriente e aborde assuntos relacionados à práticas financeiras resulta na dificuldade do cidadão em administrar seus recursos pessoais. Esta dificuldade é a mesma relatada pelos alunos no presente estudo, confirmando que a falta de matéria financeira no ensino básico das escolas brasileiras acaba por perpetuar uma cultura de incapacidade de lidar com o dinheiro.

4.3 PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS APÓS A ATIVIDADE

Os alunos foram questionados se pretendem ou não continuar elaborando o Planejamento Financeiro Pessoal. Dos 121 acadêmicos, 88,43% pretende dar continuidade à rotina de controle das finanças. Para quem já fazia e tem o desejo de dar prosseguimento, a atualização do planejamento foi fundamental para otimizar a prática, conforme relata o aluno 41:

“Óbvio que sim! Sempre fiz (da minha maneira, mas fazia). E agora que a planilha esta modificada, mais moderna, e com mais informações, não tem como não continuar. Eu posso ser até radical em escrever isso, mas não consigo imaginar minha vida financeira sem ter minha planilha de apoio.” (ALUNO 41).

Para quem não havia implantado ainda a rotina de construção de um fluxo de caixa pessoal, a continuidade evitará a vazão descontrolada dos recursos:

“Com certeza! Acredito que o orçamento pessoal é de extrema importância para quem deseja ter um planejamento da sua vida. Cito-me como exemplo, pois recebi meu apartamento recentemente. E ao invés de estar juntando recursos para a sua mobília, estava gastando-os sem perceber” (ALUNO 115).

Entretanto, 7% dos alunos não pretendem continuar com o controle orçamentário, como o aluno 67, que acha dispensável o planejamento:

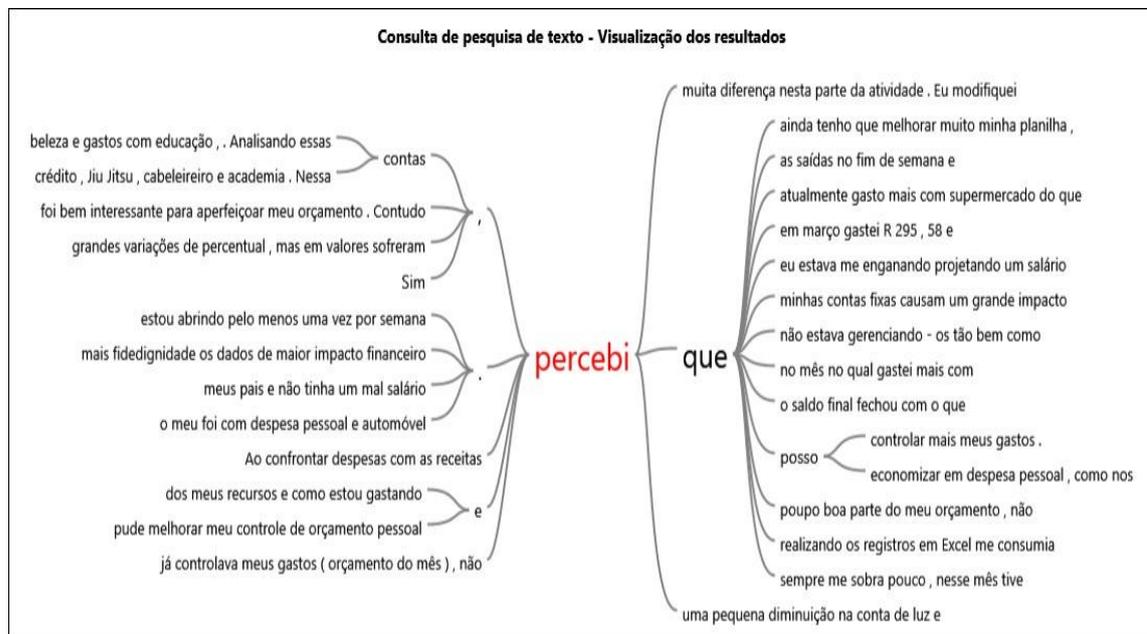
“Não pretendo, pois acho que pra mim não é necessário. Se recebo, por exemplo, R\$ 1.800,00 em um mês, no dia que eu recebo eu já passo pra poupança uns R\$ 1000, e sobrevivo o resto do mês com os R\$ 800,00 restantes. Se sobra algo desses R\$ 800,00, eu também ponho na poupança. Sou organizada e mão de vaca [...]” (ALUNO 67).

Um total de 3,31% dos respondentes não informou se continuará elaborando seu planejamento. Uma minoria de 2,48%, talvez dê continuidade, como o aluno 96. Para eles, as circunstâncias ditarão se será necessário ou não o planejamento:

“Talvez no futuro, quando eu tiver mais gastos a serem controlados” (ALUNO 96).

Para analisar os resultados identificados pelos alunos após a atividade, foi gerada uma “árvore de palavras” através do *software* Nvivo. Com esse *software* foi possível identificar que a palavra *percebi* foi o verbo mais utilizado pelos acadêmicos para apresentar quais os resultados obtidos com a atividade, como podemos observar na Figura 2. A partir dessa informação foi possível visualizar quais foram as respostas com maior correspondência e, por conseguinte, que apareceram com maior frequência nos questionários.

Figura 2 - Resultados identificados após a atividade



Fonte: Elaborada com o NVivo a partir dos dados da pesquisa.

Quando indagados sobre o que acharam da atividade, 93,39% considerou-a positiva, pois permitiu a reflexão e organização perante cada situação financeira, como comentado pelo aluno 94:

“Achei a atividade muito importante, pois permite a reflexão sobre o quão importante é a realização do orçamento pessoal e o planejamento dos gastos. A meta de grande parte da população é poder aumentar sua renda líquida, ou alcançar outros objetivos que por sua vez dependem diretamente do aumento da renda líquida. O orçamento é a melhor maneira de planejar e iniciar o processo para alcançar tais objetivos” (ALUNO 94).

A quantidade de respondentes que não informou, ficou indiferente ou julgou-a negativa, quando somada, representa 6,61%. O aluno 70, inserido nesse percentual, respondeu assim:

“Por mais que eu tenha aproveitado essa atividade, pois sempre gostei de finanças pessoais, achei ela um pouco vaga. Não vi um propósito claro nela” (ALUNO 70).

A julgar pelo baixo índice de reprovação, pode-se concluir que o incentivo recebido através da atividade foi importante para que os alunos percebessem que o Planejamento Financeiro Pessoal deve ser prática usual para garantia de uma vida financeira saudável e satisfatória.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo identificar as percepções de acadêmicos de Ciências Contábeis após a elaboração de seu Planejamento Financeiro Pessoal. Evidenciou-se, com a pesquisa, como o controle financeiro pessoal impactou na vida dos estudantes, já que a atividade gerou mudança no modo como vinham administrando seus recursos. Os estudantes relataram que desenvolver a habilidade de gerenciar suas finanças tornou possível a otimização dos seus recursos, pois apenas o fato de alocar corretamente suas receitas e intensificar o controle das despesas evitou o escoamento desnecessário de fundos, como o pagamento de juros bancários, por exemplo e, em alguns casos, gerou superávit.

Em relação aos depoimentos dos estudantes, houve relatos que destacaram: a importância do hábito de planejar as despesas; controlar todos os gastos, mesmo que pequenos; e repensar compras para que o orçamento não seja comprometido por aquisições supérfluas. Enfim, o controle permitiu que o padrão de consumo fosse revisto, com gastos fixos tendo prioridade de quitação e estabelecendo tetos para aqueles prescindíveis.

Os estudantes também destacaram como o profissional contábil deve dominar o controle orçamentário de pessoas físicas, não limitando às práticas aprendidas e desenvolvidas na graduação apenas ao meio empresarial. Adicionalmente, evidenciaram a necessidade de

incorporar o conhecimento básico de disciplinas financeiras à vida das pessoas, pois esse conhecimento evitaria o endividamento e proporcionaria vida financeira digna para a população.

Assim, os resultados dessa pesquisa demonstram percepções positivas dos acadêmicos que tiveram proveito da atividade proposta, destacando o anseio de controlar seus ganhos e a identificação do aperfeiçoamento nos meios de controle e gestão dos gastos. Ademais, a percepção de envolver terceiros ao seu controle e passar esse conhecimento aos familiares e àqueles que tiverem interesse, citada por alguns participantes, atesta a ideia que o incentivo para a prática de controle orçamentária tem caráter multiplicador.

Entre as limitações encontradas, está o tamanho da amostra utilizada para a análise da pesquisa. Outro aspecto entendido como limitação é o curto período de tempo utilizado para desenvolvimento da atividade, pois para a identificação de resultados mais expressivos, seria necessário que a amostra tivesse mais tempo de controle financeiro pessoal para ampliar suas percepções.

Propõe-se que pesquisas semelhantes sejam realizadas a fim de identificar se as propostas de inclusão da população a práticas financeiras geraram resultados e para saber se o estudante de Ciências Contábeis já evoluiu no que se diz respeito ao Planejamento Financeiro Pessoal, permitindo maior domínio e propriedade dessa área de conhecimento.

PERCEPTIONS ARISING FROM THE PREPARATION OF PERSONAL FINANCIAL PLANNING OF ACADEMICS OF ACCOUNTING SCIENCES

ABSTRACT

The achievement of Personal Financial Planning is fundamental to guarantee a good financial life, making it possible to diagnose the current budgetary situation in order to achieve stability and establish plans. In this sense, the present study aims to identify the perceptions of Accounting Sciences students after the elaboration of their Personal Financial Planning. The sample included 121 students who underwent an activity that proposed personal financial control over the course of three months. The method used was the survey, which occurred from the application of questionnaires to the scholars available in the Moodle Platform. The results showed that students were able to structure and organize their finances and noticed that their financial situation improved with planning. Academics have highlighted the need to incorporate the basic knowledge of financial disciplines into people's lives and the perception of involving third parties under their control, in order to disseminate this knowledge. In addition, 93.39% of the participants considered the activity positive and 88.43% intend to continue their budgetary control. Finally, it was concluded that Personal Financial Planning

brings benefits to those who do, because the insertion of a budget culture results in a good relationship with money and helps in the realization of projects.

Key words: Personal financial planning. Financial education. Family budget. Control.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Lúcia Pacheco de. **Como elaborar monografias**. 4. ed. Belém: Cejup, 1996.

ALVES, Rodrigo Araujo; SILVA, Janaína Senra; BRESSAN, Aureliano Angel. Educação Financeira de discentes em ciências contábeis: diagnóstico e comparação com universitários norte-americanos. In: CONGRESSO NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS, 2., 2011, Rio de Janeiro. [Anais...]. Rio de Janeiro: AdCont, 2011. Não paginado. Disponível em: <<http://adcont.net/index.php/adcont/adcont2011/paper/viewFile/384/59>> Acesso em: 30 out. 2016.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Caderno de Educação Financeira: gestão de finanças pessoais**. Brasília, 2013. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de inclusão financeira**. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?INCFINANC> ISSN 2179-6696>. Acesso em: 15 maio 2016.

BITENCOURT, Cleusa Marli Gollo. **Finanças pessoais versus finanças empresariais**. 2004. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6506/000486157.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

CERBASI, Gustavo. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. São Paulo: Gente, 2004.

CERBASI, Gustavo. **A complexa Educação Financeira**. 2012. Disponível em: <<http://www.maisdinheiro.com.br/artigos/4/91/a-complexa-educacao-financeira>> Acesso em: 15 jul. 2016.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS. **Guia CVM de Planejamento Financeiro**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.portaldoinvestidor.gov.br/portaldoinvestidor/export/sites/portaldoinvestidor/guia_financeiro/GUIA_planejamento_financeiro.pdf>. Acesso em: 15 out. 2016.

D'ÁQUINO, Cássia. **Educação Financeira**: como educar seus filhos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

EID JUNIOR, William; GARCIA, Fábio Gallo. **Como fazer o orçamento familiar**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2001.

FREZATTI, Fabio. **Orçamento empresarial**: planejamento e controle gerencial. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira essencial**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

GROPPELLI, Angélico A.; NIKBAKHT; Ehsar. **Administração financeira**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

LUNKES, Rogério J. **Manual de orçamento**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MACEDO JUNIOR, Jurandir Sell. **A árvore do dinheiro**: guia para cultivar sua independência financeira. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

MEDEIROS, Lucia Naves de; CAMPOS, Larissa Couto; MALAQUIAS, Rodrigo Fernandes. Contribuição da contabilidade para finanças pessoais: um estudo comparativo entre alunos ingressantes e concluintes do curso de graduação em Ciências Contábeis. **Revista Brasileira de Contabilidade**, Brasília, v. 45, n. 219, p. 61-73, maio/jun, 2016.

OLIVEIRA, Auris Martins de; QUEIROZ, Elisama Helen de; VALDEVINO, Rosângela. A contabilidade na gestão das finanças pessoais: um estudo comparativo entre discentes do curso de Ciências Contábeis. **Revista Conhecimento Contábil**, Mossoró, v. 1, n. 1, não paginado, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/ccontabil/article/viewFile/1424/817>>. Acesso em: 2 nov. 2016.

PEIXE, Blênio Cezar Severo; LENHARD, Nelton da Silva; HARRES, Paulo Roberto. Contabilidade familiar: um enfoque orçamentário. **Revista Ciências Empresariais UNIPAR**, Toledo, v. 2, não paginado, jul./dez., 2000. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/index.php/empresarial/article/view/1437/1259>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

PEREIRA, Glória Maria Garcia. **As personalidades do dinheiro**: como lidar com o dinheiro de acordo com seu estilo pessoal. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

PIRES, Elandro Maicou. **Manual de finanças pessoais**: contabilidade pessoal, Planejamento Financeiro e fontes de investimentos utilizados na gestão e controle das finanças pessoais. UFSC: Florianópolis, 2005.

PORTAL OCDE. **Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness**. 2005. Disponível em: <www.oecd.org/>. Acesso em: 28 jun. 2016.

PRONADOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Janes. **Devo não nego: tudo o que deve saber para sair da dívida e tem vergonha de perguntar**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da Educação Financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007.

SEBSTAD, Jennefer; COHEN, Monique. **Financial education for the poor**. 2003. Disponível em: <<https://www.microfinancegateway.org/sites/default/files/mfg-en-paper-financial-education-for-the-poor-2003.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Educação Financeira para pessoa física**. Salvador, 2013. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/3c27b46226d68958621f1f121cdf8f22/\\$File/4577.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/3c27b46226d68958621f1f121cdf8f22/$File/4577.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2016.

SHIUS, Fábio Mauricio. **A tríade da gestão financeira pessoal**. 2009. Dissertação (Mestrado em Gestão Financeira Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Administração, Faculdade de Administração, Universidade Regional de Blumenau, Chapecó, 2009. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/producao-academica/a-triade-dagestao-financeira-pessoal/2285/>>. Acesso em: 15 de jun. de 2016.

VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval; TONETO JUNIOR, Rudinei; GREMAUD, Amaury Patrick. **Economia brasileira contemporânea**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

WOHLEMBERG, Tiago Ramos; Loreni BRAUM, Maria dos Santos; ROJO, Claudio Antonio. Finanças pessoais: uma pesquisa com os acadêmicos da UNIOESTE Campus de Marechal Cândido Rondon. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 21, p. 133-152, 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/ftavar/Downloads/8544-30883-1-PB.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

